VELTHEM, Lucia Hussak van & LINKE, Iori Leonel Arnoldo Hussak Vanvelthem. 2014. *O livro do Arumã: Wama pampila, aruma papeh*

São Paulo: Iepé. 128 pp.

Roque de Barros Laraia

REFERÊNCIA

VELTHEM, Lucia Hussak van & LINKE, Iori Leonel Arnoldo Hussak Vanvelthem. 2014. *O livro do Arumã: Wama pampila, aruma papeh*. São Paulo: Iepé. 128 pp.

1 Trata-se de um livro de difícil catalogação. De início, o título está expresso em três línguas: português, wayana e aparaí. Além dos autores acima citados, constam oito que redigiram os textos no idioma wayana e nove que o fizeram na língua aparaí. Das 128 páginas, 33 estão redigidas em uma dessas duas línguas Carib cujos falantes vivem em duas terras indígenas: a do Parque do Tumucumaque e a do Rio Paru d'Este, situadas na região da tríplice fronteira entre Brasil, Suriname e Guiana Francesa, bem como na área fronteiriça dos estados do Pará e do Amapá. Enquanto os Aparaí vivem somente no Brasil, os Wayana possuem aldeias tanto no Suriname como na Guiana Francesa.

2 A difícil catalogação, no entanto, é compensada pelo fato de esse ser um belo livro do ponto de vista gráfico e um excelente estudo sobre a arte da cestaria dos dois grupos acima mencionados que, sem dúvida, contribui para o enriquecimento da bibliografia sobre a cultura material dos índios brasileiros. A obra resulta da pesquisa de Lucia Hussak van Velthem e conta ainda com excelente material fotográfico de autoria de Iori Leonel Arnoldo Hussak Vanvelthem Linke, zoólogo da Universidade Federal do Pará (exceto as identificadas). A autora, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, tem uma grande experiência de pesquisa entre os dois grupos citados. Iniciou seus trabalhos

de campo em 1975, apenas dois anos depois da instalação, pela Fundação Nacional do Índio, do Posto Indígena Tumucumaque, portanto em uma época em que o acesso à área ainda era extremamente difícil. Logo se encantou pela arte dos trançados, que tem como principal matéria-prima o arumã (*Ishnosiphon sp.*), uma planta herbácea dos ambientes florestais úmidos da Amazônia. Esse vegetal se caracteriza pela resistência e flexibilidade. Com o arumã, é possível a confecção de excelentes cestos, tipitis, peneiras, abanos e outros objetos. Sua textura permite a elaboração de magníficos grafismos que enriquecem esteticamente os objetos. Outros vegetais podem ser utilizados, como cipó, envira e algodão, mas a menção principal é ao arumã. Essa importância do arumã para os Wayana e Aparaí deve-se ao fato de esse vegetal ser citado em seus mitos de origem.

3 O leitor interessado em um detalhado estudo etnográfico da utilização do arumã — e mesmo de sua significação — entre os dois grupos Carib encontrará mais informações nos trabalhos anteriores da autora. Esses trabalhos decorrem de suas pesquisas de campo e resultaram em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 1984 e publicada em 1998 (*A pele do Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayana*, publicação do Museu Paraense Emílio Goeldi); e no texto derivado de sua tese de doutorado, defendida também na USP em 1995 e publicada pelo Museu Nacional de Etnologia em Lisboa (*O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*).

4 Segundo a autora, Tuluperê é a denominação de uma grande serpente mítica cuja morte foi importante para o desenvolvimento dos Wayana. Em seu primeiro livro citado (1998), van Velthem transcreveu "o mito da serpente pintada", uma grande cobra que impede o estabelecimento dos Wayana na região. Foi necessária muita coragem por parte de seus ancestrais e muitas flechas para dizimar o animal. Como afirmou então a autora, "Tuluperê deve ser compreendido como um ser ligado aos tempos primordiais e igualmente como ser sobrenatural ainda operante na atualidade, tendo correspondentes corporais e atuais no mundo animal Wayana" (1998:121). Assim as formas atuais de entrelaçamento teriam sido inspiradas nos desenhos da pele de Tuluperê. Em um Catálogo Iconográfico — que a autora considera não exaustivo —, foram registrados 33 padrões. Trata-se de mais uma confirmação do que os antropólogos costumam afirmar: nas culturas, os produtores dos objetos se preocupam não apenas com sua instrumentalidade, mas também com seus aspectos estéticos.

5 *O Livro do Arumã*, por se destinar a um público maior, não acrescenta dados ao nosso conhecimento das culturas Wayana e Aparaí. Seu mérito é colocar à disposição do público a beleza da cultura material desses dois povos Carib. Essa beleza está contida nos desenhos dos artistas indígenas, nas pranchas que ilustram seus grafismos, nas fotos que mostram a confecção de seus objetos, na preocupação da etnóloga de possibilitar aos indígenas a difusão de seus conhecimentos.

6 A autora, como sabemos, faz parte de um reduzido conjunto de antropólogas que, embora tenham constituído um grupo minoritário dentro da antropologia brasileira, se destacaram pela tradição de alta qualidade de seus trabalhos. Gostaríamos de citar Berta Gleizer Ribeiro (1924–1997), Heloisa Fenelon Costa (1926–1996), Tekla Hartman, Lux Vidal, Edna Taveira e Sonia Ferraro Doria, que produziram trabalhos competentes na área denominada, então, de Cultura Material dos Indígenas Brasileiros. Mas, em razão da época em que publicaram seus textos, foram prejudicadas — sob o ponto de vista da atualidade — pela pobreza das artes e técnicas gráficas de seus tempos. É possível imaginar, por exemplo, como seriam hoje magníficas as pranchas referentes à

arte plumária dos índios Urubu-Kaapor, publicadas por Berta Ribeiro em 1958, se tivesse, então, à sua disposição os recursos das técnicas atuais!

7 Em várias ocasiões, todas as pesquisadoras mencionadas neste texto foram denominadas como especialistas em cultura material, levando em consideração o fato de que trabalham com objetos indígenas que têm finalidade prática. Contudo, acredito que já é tempo de fazer uma crítica a esse tipo de qualificação. Basta observar que os objetos indígenas estudados não podem ser classificados apenas pela sua aplicação, mas também pelo cuidado que seus artesãos têm com seus aspectos estéticos. Franz Boas, em seu livro *Arte Primitiva*, originalmente publicado em 1927, já afirmava que "mesmo as tribos mais pobres produzem obras que dão a elas prazer estético, e as tribos que conseguiram se libertar da preocupação [com a subsistência] devido a uma natureza generosa ou a uma riqueza maior de invenções dedicam muito de sua energia para a criação de obras de beleza". No livro, ele consagra muitas páginas às cestarias: "a cestaria dos índios californianos", "as cestas imbricadas da Columbia britânica" etc. Assim sendo, não resta dúvida de que *O livro do Arumã* e os demais livros da autora constituem excelentes exemplos de textos sobre a arte de nossos índios. Os Wayana e os Aparaí se preocupam não apenas com a funcionalidade de seus objetos, mas também com sua significação e beleza. Um bom exemplo é a peça denominada *maruana*, uma roda de teto, ilustrada com desenhos de seres espirituais, colocada na parte interna da cumeeira da casa cerimonial, *tukuxipan*.

8 Finalmente, como em toda resenha existe o espaço para a crítica, tomo a liberdade de utilizá-lo. No mesmo tempo em que terminei a leitura e contemplação do livro, fui tomado pela curiosidade, pela necessidade mesmo, de ler as 33 páginas de autoria dos 16 autores indígenas. Creio compartilhar esse sentimento com os demais leitores não falantes de língua Carib. Vivemos em um tempo em que estamos ansiosos para saber o que nossos ex-informantes pensam a respeito de nossos trabalhos. Muitos deles frequentam nossas salas de aulas — pelo menos dois já obtiveram o doutoramento em antropologia. É tempo de autores que somos nos transformarmos também em leitores. Então, por que não publicar um encarte com a tradução dos textos?

AUTORES

ROQUE DE BARROS LARAIA

UnB